O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

ANO 37.º — Sábado, 11 de Março de 1944 — N.º 1827

VISADO PELA CENSURA

Redacção e Administração
Rua Miguel Bombarda, 21
Comp. e imp.—IMPRENSA UNIVERSAL
R. Combatentes da G. Guerra — AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Pôrto Agência Havas

Nova batalha a vencer

Não há possibilidade forte de estabelecer em bases sólidas a família se não lhe dermos condições materiais de existência, a primeira das quais é — evidentemente — a constituïção do lar.

Por ter compreendido em todo o seu alcance esta verdade, dedicou a Revolução Nacional — desde os primeiros tempos — o melhor da sua atenção, das suas energias e dos seus cuidados ao problema da habitação económica. Pretendendo-se encontrar uma solução que fôsse, a um tempo, de carácter prático e de características bem portuguesas, foram estudadas por menor as várias hipóteses possíveis para se chegar — em conclusão — a determinar, com rigor e com tôdas as probabilidades de êxito, as regras fundamentais a que deveria obedecer a actividade do Estado nêsse capítulo.

Fugiu se, aqui como em outros sectores, às soluções geométricas e niveladoras; soperando as vantagens materiais e os inconvenientes de ordem moral que apresentavam as construções de grandes blocos de habitações — mais próximos da caserna e da hospedaria do que, pròpriamente, do conceito português de lar — concluiu se que aquêles benefícios não eram compensados por estas desvantagens e foi-se, decididamente, para a construção de pequenas moradias que pudessem tornar-se — em prazo relativamente curto — propriedade dos seus inquilinos.

O Estado Novo construiu assim, até hoje, para cima de 7.000 casas económicas já habitadas por mais de 16.000 pessoas. A obra prossegue e recebeu, agora, um oportuno alargamento com a proposta de lei que o Govêrno acaba de submeter à apreciação da Assembleia Nacional e na qual se prevê a edificação de habilitações económicas para a classe média, realizada por emprêzas propositadamente constituídas para êsse fim ou por organismos corporativos. Assim a iniciativa do Estado será completada e desenvolvida, nêste caso, pela iniciativa privada e pela acção corporativa — em plena concordância com os princípios doutrinários da Revolução e com o máximo de possibilidades realizadoras.

O Estado encarou, assim, de frente um dos mais graves problemas do nosso tempo e só há a esperar — pelo que, em outros assuntos, se tem manifestado — a clara adesão do público. Com êsses dois importantíssimos factores—cuidadosa direcção do Estado, esclarecida colaboração do povo — ganharemos, querendo Deus, mais esta batalha.

M. P.

Contra a ganância

No domingo foi necessária, no Mercado Municipal, a intervenção da polícia para pôr côbro à ganância de certas vendedeiras que estavam apostadas em nos tirar a camisa.

Louvores, pois, ao sr. capitão Firmino da Silva, que a tempo tomou as necesárias providências, quebrando as garras aos exploradores.

E sempre álerta, pois há mulheres que de tudo são capazes...

Feira de Março

Abriado no dia 25 do corrente, consoante a tradição, activam-se os trabalhos do abarracamento e espera-se que já na próxima semana as primeiras escolas de tiro ao alvo recebam a freqüência dos alunos...

Vamos a vêr.

Dr. Costa Candal

Embarcou esta semana de novo para os Açores após ter aqui gozado alguns dias de licença, o tenente-médico, sr. dr. Manuel Dias da Costa Candal, nosso presado amigo.

Desejamos-lhe feliz viagem. E porque o dr. Costa Candal é uma pessoa amável, de fino trato, carácter íntegro, com tôdas as qualidades, enfim, que o impõem à consideração da cidade, só esperamos que o seu regresso definitivo não se faça esperar demasiado, como anseiam quantos têm a ventura de com êle privar.

Chegada das andorinhas

Com a aproximação da Primavera, veio reunir-se às que cá ficaram uma parte dessas avesinhas cuja presença é sinal de mudança de temperatura.

As restantes virão sucessivamente, por a viagem ser longa.

O preço do pão

Mais 20 centavos de aumento, com justificação na escassês das colheitas e na dificuldade dos transportes.

O' céus!...

Calendário

Juntamente com ilustrações de propaganda, recebemos do Adido de Imprensa Britânica um sugestivo cromo com calendário apenso em que se vê Churchill com o seu inseparável charuto.

Os nossos agradecimentos.

O Teatro Aveirense

pelo dr. Alberto Souto

O caso do Teatro Aveirense é de um interesse restricto ao meio, mas, entretanto, êle não é tão exclusivamente local, que se não devam satisfações à memória dos estranhos que para êsse Teatro concorreram. O respeito pelo generoso concurso dos fundadores e protectores da instituïção impõe à cidade de Aveiro o dever de não mercadejar com a dádiva nem consentir que alguns apenas se apossem do que é de todos.

Seria um péssimo acto, um detestável exemplo, um precedente condenável deixar meter na bolsa de alguns o que é património colectivo e vender por um prato de lentilhas a herança honrosa e prestimosa que à cidade foi legada não só por aveirenses mas por muitas pessoas respeitáveis estranhas à terra.

Ora a cidade e o seu povo e o interesse público do Município só pela Câmara Municipal ou por corporações, associações, ou colectividades de fins não interesseiros podem ser representados e se além dêste interesse geral assim representado, há, nêste caso do Teatro, alguma coisa de monetário e material perdido por alguém que se extinguiu, isso só pode ser herdado e aproveitado pela entidade que representa há quatrocentos anos a beneficência do Concelho e a ela preside—a Santa Casa da Misericórdia. Só estas entidades, ou outras de natureza semelhante, podem herdar por consenso público e honesta razão, aquilo que à cidade deixaram os nossos maiores e os accionistas extintos do mesmo Teatro.

Se a Sociedade do Teatro Aveirense quere adaptar-se a esta doutrina e pode manter-se dentro de características e normas de administração que permitam considerá-la de interesse público; se ela pode e quere desempenhar o papel de mera detentora de um património colectivo; se pode e quere reconhecer que o Teatro Aveirense é — pelo menos em grande parte do seu valor e propriedade — uma obra e uma instituïção da cidade de Aveiro, obra e instituïção que nunca podem ser incorporadas na fortuna pessoal de quem quere que seja; se essa sociedade pode e quere resistir às tentações dos lucros dos particulares e à sedução enganosa dos grandes negócios do momento; se quere e pode prestar à diversão do público aveirense e à sua cultura artística o serviço para que o Teatro foi criado, todos podemos transigir. Mas fazer-se daquilo objecto de um negócio de meia dúzia de hábeis comerciantes e transformar-se a instituïção de todos em proveito do património de uns poucos, não; não concordamos nós os que julgamos dever defender o que em Aveiro é inalienável, imprescritível, incomerciável, invendável, o que é herança geral da cidade, o que é sua tradição, seu brio e seu apanágio material e moral.

* * *

A sociedade do Teatro Aveirense é uma sociedade anónima de aspecto comercial. Mas como se sabe e muitas vezes ocorre e como dizem os tratadistas, e como o disse em especial o falecido catedrático Dr. José Tavares, há sociedades que revestem a forma comercial e não são de fins comerciais, mas de intuitos morais ou ideais. A forma legal da sociedade anónima por acções é, nêstes casos, uma forma cómoda. E' a maneira legalmente prática, fácil e viável de assegurar a realização de certos propósitos de utilidade pública ou geral e de manter em normas convenientes de seriedade e publicidade a respectiva administração.

Foi o que sucedeu com o Teatro Aveirense, iniciativa municipal, cujo estatuto recebeu a aprovação administrativa.

Para se levar a cabo o edifício do Teatro Aveirense, começado por Bento Xavier de Magalhães quando presidente da Câmara, recorreu-se a uma subscrição pública, porque a cidade era pobre e a Câmara, que cedeu o terreno e ergueu as paredes até certa altura, só por si não podia com o encargo. Recorreu-se, então, e passados anos, à generosidade de muita gente e a muita gente estranha a Aveiro mas que por Aveiro tinha a sua simpatia.

Passaram-se acções como se passam rifas e lotarias de caridade. Ninguém comprou acções para fazer negócio com elas e obter delas qualquer rendimento. Todos sabiam que o Teatro Aveirense não ia render nada e que a emprêsa para que concorriam, não era para se obterem lucros. Entraram com aquêle dinheiro para que Aveiro tivesse um teatro digno da cidade e condigno da época. Modesto e pequenino, o teatro saiu airoso e elegante e bastante para a terra. Quem ficou com acções deu, assim, ao povo de Aveiro uma importância monetária de ajuda, auxílio, oferta, brinde.

Foi a Família Real, foram políticos em destaque, foram pessoas de

Pró-Bombeiros

A NOVA MOTO-BOMBA ADQUIRIDA PELA COMPANHIA DE BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE AVEIRO

Chegou a semana passada ao quartel da Associação Hnmanitária dos Bombeiros Voluntários e encontra-se exposta na vitrine do *Jardim das Modas*, à Rua Coimbra, uma nova moto-bomba destinada aos serviços de incêndio da prestimosa corporação, visto a que existia ter ficado inutilizada na noite em que as chamas devoraram a Fábrica de Cerâmica de Quintans.

Comprada a crédito pela comissão, composta de elementos do Corpo Activo que anda a angariar donativos, em virtude da Companhia não ter recursos para adquirir o utilíssimo móvel, orçado em perto de 40.000$00, foi mais um encargo que ficou, mas que se não podia evitar por ser de absoluta necessidade a sua aquisição.

A nova moto bomba, cuja fotografia inserimos, foi adquirida na importante *Casa Escol*, do Pôrto. Tipo *G. M. B. 5* e com fôrça de 28 H. P., é para funcionar com quatro agulhetas, tendo de rendimento 1600 litros de água por minuto.

Pertence agora à cidade. Portanto é justo que a cidade acuda ao apêlo lançado pelos valorosos e destemidos *soldados do fogo*, contribuindo com o seu óbulo para que, nas horas de sinistro possam cumprir com a missão que tanto os enobrece — acudir ao seu semelhante. **Vida por vida** é o seu lema. Por isso, aveirenses, não vacileis.

* * *

Eis mais alguns nomes de subscritores para a compra da moto-bomba em referência:

Transporte . . .	2.000$00
António Morais da Cunha . .	100$00
Dr. Eugénio Couceiro . . .	50000
José Rodrigues dos Santos .	100$00
Colégio de N. S.ª de Fátima .	100$00
Alfredo Esteves	100$00
Augusto Gois	50$00
Dr. Adérito Madeira . . .	100$00
Arnaldo Estrela dos Santos .	100$00
Banco Regional de Aveiro .	150$00
José Marques Sobreiro . . .	100$00
Testa & Amadores	100$00
Fábrica Aleluia	250$00
Dr. André dos Reis . . .	50$00
Dr. A. Martins	50$00
Empresa Cerâmica Vouga . .	300$00
Ferreira & Irmão, Suc.res, L.da	250$00
Companhia Aveirense de Moagens	200$00
Fábrica de Serração, V.ª de Jaime Rodrigues	50$00
Soma . . .	4.200$00

Dr. Lourenço Peixinho

Sufragando a alma do saüdoso aveirense foram, na terça-feira, data do primeiro aniversário da sua morte, rezadas duas missas: uma na igreja das Carmelitas com a assistência da família e outras pessoas que do acto tiveram conhecimento, visto a falta de convites, e a outra na capela de S. Roque, extremo do bairro piscatório, onde esteve representada, em elevado número, a classe que nele habita e depois se dirigiu aos lavadouros afim de inaugurar uma lápide de mármore com o retrato do extinto e os seguintes dizeres:

As beneficiadas da Beira Mar com esta obra, ao inclito cidadão que foi presidente da Câmara

Dr. Lourenço Simões Peixinho

dedicam esta homenagem à sua memória no primeiro aniversário da sua morte.

7 III-1944.

Também na Avenida, que Lourenço Peixinho fez construir e à qual o Município deu o seu nome, apareceram, de manhã, colocadas as respectivas placas, surpresa que originou comentários, mas que registamos por ser o cumprimento duma divida em aberto lembrada no último número dêste jornal.

E assim passou o primeiro aniversário do desaparecimento desta terra dum dos seus filhos que mais trabalhou por ela, concorrendo para a desenvolver, engraudecer e aformosear.

AS «CORTINAS» DO CAIS

A quinze dias da abertura da Feira, era de necessidade uma barrela para que o aspecto se modifique, seja outro.

Assim como estão, não tem beleza. Pois não é verdade?

A rega das ruas

Não só como medida higiénica mas também para evitar que a poeira invada os estabelecimentos e deteriora as mercadorias, o serviço de regas impõe-se nesta quadra do ano em que os ventos sopram desabridamente.

Á Câmara compete não descurar o assunto.

Mudança da hora

Logo, à meia noite, devem o relógios ser adiantados 60 minutos. Não se esqueçam. Depois queixem-se se perderem o comboio...

Obras de restauro

Pelo Fundo do Desemprêgo foi concedida mais uma importante verba para trabalhos de restauro em vários monumentos nacionais, sendo 15 contos destinados ao mosteiro de Santa Joana, desta cidade.

E a capela das Barrocas?

O TEMPO

Agora, sim, vai criador. Estão de esperanças os lavradores.

Deus os favoreça e que a nós não nos desampare...

Sejamos humanitários!

Subscrição aberta a favor de João Calisto, impossibilitado, por doença, de angariar o sustento para a sua família composta de mulher e oito filhos menores.

Transporte	1.859$80
Manuel Vicente Ferreira . .	10$00
Tenente-coronel Amílcar Gamelas	20$00
Soma . . .	1.889$80

O nosso aniversário

e o que sôbre êle publicaram alguns confrades

De *O Figueirense*, da Figueira da Foz:

«O Democrata»

Conta mais um ano de existência êste estimado confrade de Aveiro, que se publica sob a hábil, enérgica e competente direcção de Arnaldo Ribeiro, que por tal motivo deve estar satisfeito por ver o seu jornal atingir o 37.º ano de vida.

Que esta data se repita muitos mais anos, são os nossos melhores votos.

De *A Opinião*, de Oliveira de Azemeis:

O Democrata, de Aveiro, que o distinto farmacêutico e nosso presado amigo sr. Arnaldo Ribeiro dirige com superior proficiência e o desassombro próprio da sua têmpera, completou 36 anos de existência ao serviço da capital do nosso distrito.

Com um afectuoso abraço, saudamos o intemerato colega, desejando-lhe a maior prosperidade.

Do *Jornal de Santo Tirso*:

Entrou no 37.º ano de publicidade êste nosso prezado colega de Aveiro que, sob a proficiente direcção do distinto jornalista sr. Arnaldo Ribeiro, tem marcado um lugar de destaque na Imprensa Regional.

Felicitando-o, desejamos-lhe uma vida cheia de prosperidades.

Do *Concelho de Estarreja*:

Mais um ano de vida jornalística passou o nosso prezado confrade *O Democrata*, que se publica na capital dêste distrito.

Jornal que pelas suas campanhas muito tem prestigiado Aveiro, honra também a imprensa provinciana, da qual é um membro proeminente.

A todo o corpo redactorial e em especial ao seu ilustre Director, sr. Arnaldo Ribeiro, enviamos as nossas sinceras felicitações.

algo e qualidade, e foram os homens bons da terra, ricos e pobres, grandes e humildes que concorreram. E o Teatro fez-se e resultou lindo à vista e fecundo de resultados para Aveiro.

Passaram por ali os nossos maiores artistas da cêna e os nossos maiores oradores. O meio artístico local teve ali triunfos inolvidáveis. Realizaram-se ali as nossas grandes comemorações.

O pensamento e o intuito dos accionistas é que não foi nunca o do lucro pessoal, não foi nunca o do negócio, não foi nunca o do rendimento — foi dotar Aveiro com uma casa de espectáculos como as que nêsse tempo se construiam nas cidades congéneres. E Aveiro ficou com um melhoramento que foi, depois do Liceu de José Estêvão, um dos seus mais notáveis melhoramentos urbanos no último quartel do século XIX.

* * *

Ninguém mais pensou no dinheiro, ninguém mais quiz saber do que dera e ofertara para a obra da cidade, em cujos alicerces e paredes, como diz Marques Gomes, trabalharam gratuitamente muitos homens bons de Aveiro enquanto outros para ela davam o seu óbulo generoso.

Mas rodaram os anos. Dobou-se meio século e veio a guerra e soou a hora da cupidez, a hora dos negócios, e viu-se ali a mina de oiro mais fácil de explorar que as minas de volfrâmio e pensou-se em realizar um grandioso negócio com essa herança de trabalho, de dinheiro e de generosidade dos antepassados e do tributo que o público à casa tem pago no decurso de meio século.

Ora alguns aveirenses, entendem que há ali alguma coisa que não pode ser objecto de apropriação particular, de negócio dêste ou daquêle, de lucro pessoal de ninguém — é a parte que ali pertence ao Público, ao Município, à Cidade e à Família Aveirense.

Chamo para êste aspecto moral do caso a atenção dos que fizeram o projecto financeiro, e dos que conceberam o plano comercial, dos que visionaram a grande e habilíssima operação lucrativa da mina de oiro do Largo da Cadeia e em nome da consciência colectiva, que todos devemos possuir e defender, daqui lhes peço que reflitam e reconsiderem. Porque não trocam o seu projecto de exploração e apropriação particular do Teatro Aveirense por qualquer outro que permita reformar e melhorar o edifício, que hoje está péssimo, mas de forma que se assegure a propriedade pública e a finalidade da instituïção que é a diversão e a cultura cívica e artística do povo?

Que tudo isso se faça de maneira que os resultados líquidos do funcionamento da casa redundem em benefício do público, isto é, do seu recreio, da sua cultura, da sua expressão cívica e da assistência concelhia, porque nada mais é lícito e porque nada mais é digno da seriedade e lealdade das nossas tradições.

Há forma de se conseguir êsse desideratum, protegendo a instituïção contra todos os perigos presentes e futuros. A intervenção dos financeiros é, nêstes casos, sempre muito perigosa. Começa por um pequeno juro e acaba pela venda em praça.

Se há seguros contra incêndios, também há formas de assegurar o interesse público daquela casa de espectáculos e reüniões públicas, contra os incêndios das cubiças pessoais, das apropriações particulares, da concorrência dos outros espectáculos, dos abusos das situações administradoras e das operações dos financeiros que nunca perdôam no final e que fàcilmente se apoderam das iniciativas alheias, de tudo quanto dá lucro e de tudo o que tem valor.

Há formas e há fórmulas eficazes para tudo se prevenir e para de tais perigos e precalços a cidade se precaver.

O exemplo da Caixa Económica chegou para nos abrir os olhos. Eu caí nessa; confesso abertamente que caí nessa, mas protesto que não cairei noutra. Quando vi o perigo, quiz reparar o êrro, mas não me foi possível. Êsse êrro, porém, ainda é reparável e exige reparação.

O do Teatro é que seria irreparável e, já agora, imperdoável.

A Caixa Económica ainda se pode reconstituir e restituir às suas antigas funções. Mas o que é facto é que acabaram com ela quando ela podia viver por si e para si e para o público humilde a quem nesta hora difícil podia prestar os seus benefícios.

Vai suceder com o teatro da cidade o mesmo que sucedeu com a Caixa Económica de Aveiro?

Quem pode garantir que os financeiros não cedem àmanhã a sua posição aos donos do novo teatro e não acabem de vez com o Teatro da cidade?

O plano leva um caminho muito mais perigoso e muito mais antipático do que o da Caixa Económica.

Não é desculpável que se repita o êrro e tal se faça depois dêsse e de outros exemplos que estão bem à vista.

Seria uma grande imprudência colectiva, para empregar sòmente termos benévolos e expressões muito cortezes.

Porém, a Caixa Económica rendeu 200 000$00 para a pobríssima Santa Casa da Misericórdia que lutava com as maiores dificuldades no seu Hospital. Quanto rendia agora para a Santa Casa o grande negócio do Teatro?

O plano financeiro começava por lhe entregar o capital mutuado que serviu para as obras do palco quando não havia financeiros em Aveiro e essa entrega, feita neste momento com o ar de um acto de boa administração, era um gesto condenável por prejudicial para a própria Santa Casa que precisa de ter a juro os seus parcos capitais e dificilmente lhes encontra colocação.

Acautelemo-nos...

Entram no grupo financeiro pessoas que são para mim estimáveis. Não é, pois, por qualquer questão de pessoas que assumo esta atitude, idêntica à que tomei no caso dos objectos artísticos da igreja do Carmo vendidos para Évora pela Irmandade do Senhor dos Passos. Há muitos anos que proclamo êstes princípios que são os de muitos e dignos aveirenses. Proclamei-os bem alto na Assembleia Geral de 1943 e há poucos meses neste jornal. Há no grupo financeiro pessoas que são comerciantes mas que não são de Aveiro e que, portanto, não têm obrigação de conhecer a história das nossas instituïções. Não lhes quero mal por pensarem nos seus negócios. Mas nem êsses nem os aveirenses natos têm desculpa se, depois de avisados, persistirem em erróneos propósitos.

* * *

Sôbre êste mesmo assunto recebemos também a carta seguinte:

Aveiro, 7 de Março de 1944

...Sr. Arnaldo Ribeiro
Aveiro

Sôbre o Teatro Aveirense publicou V. no *Democrata*, último número, uma desenvolvida notícia, terminando com um «consta», inteiramente destituido de fundamento, pelo que muito lhe agradecia o favor da publicação desta carta.

Não existe nenhum grupo financeiro, mas apenas um grupo de accionistas do qual não fazem parte os Ex.mos Srs. Américo Teixeira e António Osório, que pensa apresentar uma lista para a próxima eleição.

O referido grupo tem, como principal fim, procurar dotar a cidade com um teatro que reuna as condições necessárias para uma casa de espectáculos, tendo ainda um salão para conferências culturais e reüniões sociais. Para realização dêste programa seria oportunamente apresentada a uma reünião da Assembleia Geral Extraordinária uma proposta devidamente fundamentada para ser amplamente discutida.

Com os meus cumprimentos, creia-me com tôda a consideração,

De V. etc.

Egas Salgueiro

* * *

No próximo número publicaremos novo artigo do sr. dr. Alberto Souto sôbre

O Teatro Aveirense

Os Passos

Realizaram-se os dois cortejos religiosos com a ordem e a imponência do costume. Mas não têm comparação com o passado, quando uma só procissão se efectuava e havia as capelinhas em frente ás quais cantava a Verónica — sempre uma rapariga de voz sã e que pelo sentimento que imprimia ao papel, era escutada pela multidão, reunida à sua volta, com geral agrado.

Enfim: tudo mudou.

Vida militar

Tendo regressado há pouco de Luanda (Africa Ocidental) foi agora colocado no regimento de Infantaria 10 onde já prestou serviço, o sr. tenente Luís Paula Santos, que teve a gentileza de vir à Redacção apresentar-nos cumprimentos.

E' com satisfação que registamos o seu ingresso na guarnição de Aveiro, onde já se distinguira pelo seu aprumo quando pertencera à briosa classe dos sargentos.

A pedir limpeza

O obelisco que o *Club dos Galitos* mandou erigir na Praça Dr. Melo Freitas, em frente aos Arcos, representando uma homenagem aos sacrificados de 16 de Maio de 1826 apresenta-se de tal maneira denegrido pelo tempo que causa reparos a muitas pessoas.

A quem de direito, se pedem, pois, a devidas providências.

BEM-FAZER

Na Delegação desta cidade do Comissariado do Desemprêgo, foi feita na terça-feira nova distribuïção de vestuário e calçado a crianças, filhos de desempregados e inválidos, inscritos na respectiva Delegação.

O acto, revestido de simplicidade, não deixa de ser simpático, como tôdas as iniciativas tendentes a acudir aos que vivem em precárias circunstâncias.

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: hoje, a gentil D. Maria Isabel Carretas, dilecta filha do sr. tenente António Pedro Carretas, de Cavalaria 5; àmanhã, a sr.ª D. Mauricia Bernardo de Albuquerque, esposa do sr. Acúrcio Maia de Albuquerque, ambos professores primários na Bairrada, e a menina Maria Fernanda Campos Carreira, interessante filha do sr. Joaquim Carreira, actualmente no Porto; no dia 13, o sr. major Joaquim Geraldes, residente em Coimbra; em 15, o sr. tenente Luiz Paula Santos, de Infantaria 10, e o menino João Evangelista, filho do sr. João Evangelista de Campos; em 16, a sr.ª D. Regina da Luz Faria e o sr. Artur Amador, de Eixo, e em 18, as sr.as D. Maria Leonor Machado da Cruz, esposa do sr. dr. Manuel Rodrigues da Cruz, e D. Maria Isolina Vidal, filha do nosso malogrado amigo dr. Lúcio Vidal, de Vagos.

Partidas e Chegadas

Estiveram nesta cidade os srs. Nuno Meireles, da firma Ferreirinhas & Meireles, de Ermezinde; João Simões de Pinho, de Cacia, e Armando de Almeida e Silva, residente na Granja.

—Devido à sua transferência para Caçadores n.º 5, seguiu, terça-feira, para Lisboa, o 2.º sargento Angelo Martins Lima, que pertencia ao regimento de Infantaria 10.

Atenção para a 4.ª página

Benemerência

Para comemorar o 1.º aniversário da morte do antigo presidente da Câmara, dr. Lourenço Peixinho, recebemos dum comerciante que tem pela sua memória a maior veneração, a quantia de 100$00, destinados aos pobres protegidos por êste jornal, sendo contemplados:

Com 10$00 — Pedro de Sousa, R. de Santo António; Alfredo Gaspar, R. de Sá, um envergonhado e uma envergonhada.

Com 5$00 — Maria Rosa Duarte, R. de S. Martinho; Adelaide Vilaça, idem; Clara Costa, idem; Margarida Raposo R. da Corredoura; Carolina Pádua, R. do Vento; Luisa Peixinho, R. da Granja; Amélia Peixinho, idem; Conceição Tainha, idem; Maria dos Anjos, R. do Gravito; Maria Arroja, R. 16 de Maio; Margarida de Matos, R. da Sé e Adelina de Assis Almeida, idem.

Em nome de todos agradecemos ao activo comerciante da nossa praça.

Á margem da guerra

UM PRISIONEIRO ITALIANO RODEADO PELA FAMÍLIA, VOLTA, ENFIM, AO SEU LAR, DEPOIS DE CUMPRIR A PENA QUE LHE FOI IMPOSTA

Carta de Lisboa

Presidência da Câmara

Foi recebida com o maior aplauso e aprovação a escolha feita pelo sr. Ministro do Interior, do sr. tenente-coronel Salvação Barreto, para novo presidente da Câmara Municipal de Lisboa em substituïção do sr. Eng. Rodrigues de Carvalho, que durante alguns anos desempenhou o importante cargo, abrindo à nossa cidade como executor do pensamento do eng. Duarte Pacheco, novos e mais largos horizontes de progresso.

Director Geral dos Desportos, Educação Física e Saúde Escolar, antigo Director da Comissão de Censura à Imprensa, em todos os lugares que tem exercido, o novo Presidente da Câmara tem-se afirmado um grande e esforçado servidor do Estado Novo. A sua passagem pela edilidade lisbonense como vice-presidente da Comissão Administrativa do Município a que presidiu o sr. General Daniel de Sousa, foi um admirável pretexto para afirmar sob um novo aspecto as muitas e beneméritas qualidades do novo Presidente da Câmara Municipal de Lisboa.

Não é, pois, um desconhecido que entra nos Paços do Concelho da nossa primeira cidade, mas antes uma personalidade do maior valor que vem, certamente, continuar a obra inexcedível de Duarte Pacheco.

O Estatuto da Assistência

Quando escrevemos esta carta, pode já considerar-se lei do país o novo Estatuto da Assistência, cuidadosamente elaborado pelo Govêrno e já passado pela Câmara Corporativa e pela Assembléa Nacional.

Com o novo diploma pode dizer-se estar completamente resolvido o magno problema da Assistência. Com razão, no parecer da Câmara Corporativa depois de se acentuar a importância na solução do problema do novo diploma, se sublinha:

«O destino de uma revolução não é continuar indefinidamente — é atingir os seus objectivos essenciais.

A obra realizada até hoje, sendo considerável, está longe de nêste capítulo poder reputar-se suficiente. Impõe-se, pois, não em obediência a qualquer moda de momento ou sob a pressão de qualquer receio, mas para que se cumpram os princípios fundamentais de uma política de há muito definida e até constitucionalmente consagrada, o incremento de quanto respeite à Previdência e à Assistência Social.»

CORDEIRO GOMES

Caixa Regional de Abôno de Família do Centro e Sul do Distrito de Aveiro

Comunicado

Tendo sido aprovado, por despacho de 19 de Fevereiro último, o Regulamento desta Caixa, ficam por êste meio avisados todos os industriais e comerciantes do distrito de Aveiro que os descontos para esta Caixa devem começar a efectuar-se a partir do dia 1 do corrente mês de Março.

Brevemente serão distribuidos Regulamentos, modelos de impressos e outras instruções julgadas necessárias.

Esclarece-se desde já que as percentagens são de 5% e 1%, respectivamente para as entidades patronais e pessoal.

Os descontos serão feitos no acto do pagamento dos ordenados ou salários e depositados pela entidade patronal, juntamente com a sua contribuïção, na Tesouraria da Caixa Geral dos Depósitos, Crédito e Previdência, até ao dia 15 do mês seguinte àquele a que os vencimentos respeitarem.

As entidades patronais abrangidas pela Caixa enviarão à Direcção desta, até ao dia 20 de cada mês, fôlhas de férias ou notas dos ordenados ou salários pagos ao pessoal inscrito na Caixa e respectivas cotas, acompanhadas do triplicado da guia de depósito a que acima se faz referência.

A inscrição dos sócios efectivos desta Caixa tem por base a inclusão dos seus nomes nas fôlhas de férias ou dos ordenados.

A área da Caixa abrange os concelhos de Aveiro, Águeda, Albergaria-a-Velha, Anadia, Estarreja, Ilhavo, Mealhada, Murtosa, Oliveira do Bairro, Ovar, Sever do Vouga e Vagos.

Aveiro, 3 de Março de 1944.

A DIRECÇÃO

NECROLOGIA

Após prolongado sofrimento finou-se na pretérita sexta-feira, no estado de solteiro, o sr. João Claudino Craveiro Lopes de Sousa e Faro, natural de Lisboa e filho do sr. coronel Luís Filipe Carneiro de Sousa e Faro, comandante do regimento de Cavalaria 5.

Foi amortalhado com o hábito de S. Francisco, contava 32 anos, apenas, causando o desenlace profunda consternação na ilustre família e nos seus íntimos.

O funeral realizou-se com grande acompanhamento, em que predominava o elemento militar, para o cemitério central.

Ao sr. coronel Sousa e Faro, que conduziu a chave da urna, e a tôda a família do pranteado morto, o nosso cartão de pêsames.

* * *

Na noite do último sábado também se extinguiu a existência da sr.ª D. Maria Luísa Marques da Encarnação, que contava a provecta idade de 96 anos.

A veneranda senhora que há muito enviuvara, era mãe das sr.as D. Deolinda Marques do Amaral e D. Maria Cândida Marques Espanha e do sr. padre António Estêvão da Encarnação, professor de canto coral do Liceu de José Estêvão; sogra do nosso particular amigo sr. capitão José Ferreira do Amaral e avó das sr.as D. Maria da Encarnação Ribeiro Gonçalves, solteira, e D. Maria Madalena Marques do Amaral e D. Maria Cândida Espanha, esposas, respectivamente, dos srs. tenente de artilharia e engenheiro Virgílio Vicente de Matos, actualmente nos Açores, e engenheiro-agronomo sr. António de Oliveira (filho), residente em Lourenço Marques (Africa Oriental) e do sr. dr. Artur Marques Espanha, chefe da Secretaria Judicial da Figueira da Foz.

O seu entêrro realizou-se domingo de tarde para o cemitério sul da cidade, incorporando-se nêle oficiais do Exército, o corpo docente do Liceu com o seu ilustre reitor sr. dr. José Tavares, que conduzia a chave da urna, componentes da *Banda Amizade* e muitas outras pessoas que formavam extenso cortejo.

A tôda a família, nomeadamente ao sr. capitão Amaral e esposa, as nossas condolências.

* * *

Com diferença de alguns minutos, faleceram, na terça-feira, por volta das 20 horas, o sr. Domingos Francisco Coelho, de 69 anos, proprietário da *Barbearia Central*, da Praça Dr. Melo Freitas, que há tempos vinha sofrendo duma grave enfermidade, e sua esposa Carolina Limas Coelho, de 64, que não podendo resistir à sua dor, caíu de aí a instantes, sem vida, fulminada por uma síncope cardíaca.

O duplo desenlace, como tôdas as más novas, logo se espalhou pelos centros de cavaco, sendo a notícia recebida com profunda consternação, como é de calcular.

Antes da hora do entêrro, que se efectuou na quarta-feira para o cemitério sul da cidade com extraordinária concorrência, a aglomeração de gente nos Arcos e imediações para assistir ao desfile do cortejo, era enorme, sendo também avultado o número de pessoas que passaram pela casa dos doridos afim de os desanojar.

Os extintos eram pais da sr.ª D. Gabriela Coelho, residente em Lisboa, e dos srs. Manuel Coelho, ausente em Africa, e Agnelo, Baldomero e Ercílio Coelho, para quem vão os nossos sentimentos.

* * *

Em casa de seu sobrinho o sr. João Evangelista Sarabando, funcionário da Direcção de Finanças, sucumbiu a semana passada aos estragos duma antiga enfermidade, a sr.ª D. Isabel Soares Santos, natural de S. Faustino (Pêso da Régua).

Era solteira e foi sepultada no cemitério novo, aonde a acompanharam diversas pessoas da intimidade da família, a quem igualmente enviamos pêsames.

* * *

Ás primeiras horas da noite de quarta-feira igualmente se finou o sr. Henrique Pereira Campos, que no dia anterior fôra acometido de doença súbita.

Modesto e delicado e possuindo outros predicados que lhe grangearam simpatias, desaparece aos 70 anos, deixando viuva e alguns filhos, nomeadamente as sr.as D. Lourdes Campos Amorim, casada com o sr. Joaquim Adriano Campos de Amorim, D. Argentina e D. Maria Engrácia Campos e o sr. Ricardo Pereira Campos Júnior.

Henrique Campos, que estava ligado, como sócio, às Fábricas Jerónimo Pereira Campos, Filhos, era irmão do antigo republicano João Pereira Campos, já falecido, e dos srs. Domingos e Ricardo Campos, que também se encontram à frente daquele importante estabelecimento industrial.

No entêrro, realizado civilmente para o cemitério central, viam-se pessoas de tôdas as categorias sociais e os operários da sua e doutras fábricas da cidade, formando tudo uma massa compacta de povo que imprimia grandiosidade ao conjunto.

Sentindo o seu desaparecimento, manifestamos aos doridos o nosso pesar.

* * *

Em Seia, uma grave enfermidade que o fizera interromper os estudos, atirou para a sepultura o académico João Manuel Seiça Neves, aluno do 7.º ano do nosso liceu.

O inditoso moço era filho do sr. João das Neves, chefe da secretaria da Câmara daquêle concelho e sobrinho do sr. dr. Manuel das Neves, advogado nesta comarca.

Tinha 22 anos e a sua morte foi muito sentida no seio da Academia e por quantos apreciavam a vivacidade do seu espírito.

* * *

Na Gafanha também acabou os seus dias com a idade de 82 anos, a mãe do sr. Benjamim Ferreira Fidalgo, sócio do *Centro Comercial de Aveiro, L.da* e a quem manifestamos o nosso pesar.

Deixou viuvo o sr. Manuel Fidalgo Júnior e mais quatro filhos.

* * *

Faleceram mais: em *Aradas*, Alvaro Ferreira da Silva, casado, de 48 anos, e em *Taboeira*, Miguel Rodrigues Calafate, também casado, de 82.

Pelo teatro

Anuncia-se a vinda a esta cidade, nos dias 24 e 25 do corrente, da Companhia Teatral Portuguesa que dará dois únicos espectáculos com as peças *Israel* e *O Costa do Castelo*.

Do elenco fazem parte Emília de Oliveira, Luz Veloso, Dinah Stchini, Jorge Grave, João Calazans e outros artistas, encontrando-se desde já os bilhetes à marcação.

Arcângela de Sousa e Melo

Agradecimento

Sua família, não podendo evitar faltas, por deficiência de elementos ou por involuntário lapso, confessa se muito reconhecida a quantos se dignaram manifestar-lhe o seu pesar, em especial agora se dirigindo àquelas pessoas a quem por outro meio não hoja agradecido.

Jaime Dagoberto de Melo Freitas e família

8-III-1944

Horário dos combóios

Partidas para o norte	Partidas para o sul
5,27 (correio)	0,24 (correio)
6,20 (tram.)	7,48 (tram.)
6,54 (tram.)	11,15 (»)
12,05 (tram.)	15,41 (tram.)
13,23 (rápido)[1]	19,34 (rápido)[1]
17,24 (tram.)	21,52 (recov.)
20,40 (»)	Do Porto chega um tram. ás 21,07 que não segue.

(1) Ás terças e sextas-feiras.

Linha do Vale do Vouga

PARTIDAS	CHEGADAS
8,04	10,48
13,50	15,20 (1)
16,20 (1)	19,11
19,42 (2)	23

(1) A's terças e sextas-feiras.
(2) Só até à Sernada.

Atenção para a 4.ª página

Missa de sufrágio

Passando na próxima terça-feira o 2.º aniversário da morte do sr. tenente João Ferreira, a viuva sr.ª D. Rosa Ferreira e filhos, mandam resar uma missa por sua alma, na igreja do Carmo, pelas 9 horas e convidam as pessoas amigas a assistir.

Aveiro, 10 de Março de 1944

«O Democrata»

ASSINATURAS

(Pagamento adiantado)

Portugal (Ano) .	30$00
Semestre . . .	15$00
Colónias (Ano)	30$00
Estrangeiro (Ano)	40$00
Número avulso .	$60

ANÚNCIOS

Mais duma publicação, contrato especial.

Correspondências

Esgueira, 9

Na Universidade de Coimbra acaba de concluir a sua formatura em medicina o laureado estudante Augusto Henriques Pinheiro, que aqui residiu com seus pais os professores Luís Henriques Pinheiro e esposa que agora se encontram em Beja.

Ao novo médico dirigimos felicitações, desejando-lhe os maiores triunfos na vida prática.

—Morreu aqui, no fim da última semana, com 86 anos, Rosa Angélica de Jesus Carvalho, viuva de José António de Carvalho.

A simpática velhinha teve um entêrro bastante concorrido.

Pêsames aos seus.

—A chuva, tão desejada pelos nossos lavradores, foi deficiente. No entanto muito beneficiou a agricultura.

Louvores à Providência.

—Faz anos, no dia 16, o nosso amigo Alvaro Ramalho, a quem felicitamos.

C

S. Bernardo, 9

Com 84 anos deixou de existir, Maria de Jesus Ferreira, casada com o sr. João Ferreira da Cruz e mãe do sr. Manuel Ferreira da Cruz (o Cavalheiro).

A extinta, dotada de nobres sentimentos, há mais de cinqüenta anos que vinha sofrendo da enfermidade que agora a fez baquear, deixando imersos na maior dôr tôda a sua estremosa família.

No seu entêrro realizado para o cemitério ocidental dessa cidade incorporaram-se as irmandades a que pertencia, pobres do Albergue e muitas pessoas, entre as quais se via um grupo de raparigas conduzindo ramos de flores. Da chave da urna foi portador o sr. Angelo Ferreira da Cruz, cunhado da finada.

Ao viuvo, filho e a tôda a família enlutada, os nossos sentimentos.

P.

Comarca de Aveiro

Divórcio

Para os devidos efeitos se anuncia que por sentença de 15 de Fevereiro de 1944, que transitou em julgado, foi decretado o divórcio definitivo entre os conjuges Felisbela de Jesus, doméstica, e Manoel Fernandes, serralheiro, ambos de Aveiro.

Aveiro, 1 de Março de 1944.

O Chefe da 2.ª Secção, da 2.ª Vara

João António Morais Sarmento

Verifiquei.

O Juiz de Direito da 2.ª Vara

A. Fontes

Teatro Aveirense

CINEMA SONORO

Domingo, 12 de Março de 1944 (às 15 e 21 horas)

O Soldado de Chocolate

com o consagrado barítono Nelson Eddy

Terça-feira, 14 (às 21,30 h.)

Serei Tua!

com a grande vedeta Deanna Durbin

Quinta-feira, 16 (às 21,30 h.)

Dansa com o Imperador

BREVEMENTE:

Honky Tonk

(A cidade em Delírio)

Comarca de Aveiro

Éditos de 30 dias

1.ª publicação

Pelo Juízo de Direito da 2.ª Vara da comarca de Aveiro—primeira Secção—e nos autos de acção sumária de justificação de ausência de António Pereira da Fonseca, divorciado e que teve o seu último domicílio na vila e comarca de Serpa, que se ausentou para o Basil, ignorando-se a sua existência e o seu paradeiro, requerida por suas filhas Mariana de Almeida Fonseca e Diana de Almeida Fonseca, ambas solteiras, domésticas, esta residente em Mossâmedes, Oliveira de Frades e aquela nesta cidade, correm éditos de 30 dias, contados da segunda e última publicação dêste anúncio, citando os interessados incertos para, dentro de dez dias, posterior ao praso dos éditos, contestarem, querendo, o pedido feito pelas mencionadas requerentes para lhes ser reconhecida a qualidade de únicas e universais herdeiras do dito ausente seu pai e a elas deferida a sucessão e entrega de bens.

Aveiro, 28 de Fevereiro de 1944.

Verifiquei:

O Juiz de Direito substituto,

Fernando Moreira

O Chefe da 1.ª Secção, 2.ª Vara

António A. dos Santos Vitor